

# FESTAS E DIFUSÃO MUSICAL NO SUBÚRBIO BELENENSE NOS ANOS DE 1950

## PARTIES AND MUSICAL DIFFUSION AT BELENENSE SUBURB IN THE 50's

Elielton Benedito Castro GOMES\*

**Resumo:** Pretende-se, com o texto em questão, averiguar, ao longo dos anos de 1950, as celebrações festivas realizadas em ambientes de lazer e sociabilidade espalhados ao longo do subúrbio da capital paraense, enfatizando a análise de diferentes significados atribuídos por sujeitos que trabalhavam na imprensa paraense da época. Para isso, alguns jornais que circulavam na cidade, no período em questão, foram consultados (*O Liberal, A Província do Pará, Folha do Norte, O Estado do Pará e a Revista Amazônia: da planície para o Brasil*). Com isso, busca-se perceber as representações criadas acerca dessas celebrações festivas, relacionando-as com o processo de difusão musical por essas paragens, tendo em vista trazer à tona as exposições a respeito das relações sociais estabelecidas pelas margens de Belém do Pará.

**Palavras-chave:** Festas populares; Imprensa; Lazer; Sociabilidade; Subúrbio.

**Abstract:** We aim, with the text under discussion, to investigate throughout the 1950s the festive celebrations held in environments of leisure and sociability scattered throughout the suburb of the capital of Pará, emphasizing the analysis of different meanings attributed by subjects who worked in the press at the time. In order to do it, some newspapers circulating in the city during the period in question were consulted (*O Liberal, The Province of Pará, Folha do Norte, The State of Pará and Revista Amazônia: from the plain to Brazil*). In this way, we seek to understand the representations created about these festive celebrations, relating them to the process of musical diffusion through these stops, in order to bring to light the exhibitions regarding the social relations established by the capital of Belém do Pará.

**Keywords:** Popular festivals; Press; Leisure; Sociability; Suburb.

### Introdução

Um dos modos de se pesquisar temas referentes à história social é o de se debruçar acerca da investigação das experiências festivas anunciadas, criticadas e até mesmo aclamadas nos meios de comunicação do século passado. É nesse sentido que o texto em questão se enquadra, principalmente quando o mesmo concentra-se em averiguar o cenário festivo de Belém, na segunda metade do século XX, de modo a compreender as representações dos festejos populares promovidos no subúrbio<sup>1</sup> belenense através de pistas presentes em jornais e revistas que circulavam na cidade de Belém do Pará nos anos de 1950.

Os festejos populares de meados do século XX remetem às procedências de um modelo de festa popular extremamente presente no cotidiano festivo da cidade. Este

---

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – Universidade Federal do Pará (PPHIST/UFPA). Bolsista CAPES. e-mail: elieltonbcgomes@bol.com.br

modelo encontra-se, ao mesmo tempo, ligado às condições estabelecidas pelos meios de comunicação e entretenimento que circulavam na capital paraense. Nesse sentido, o presente artigo adentra o âmbito das festas no subúrbio belenense, mais precisamente as celebrações festivas, apontadas pelos brincantes, organizadores, jornalistas e intelectuais paraenses como aquelas que apresentam características populares. Seu objetivo é abordar criticamente as narrativas e representações dessas festas organizadas no subúrbio belenense, mais precisamente nos bairros localizados às margens do rio Guamá<sup>2</sup>, produzidas por diversos sujeitos que escreviam nas páginas de revistas e jornais do estado do Pará no período em questão.

Esse foi um tempo no qual nota-se a ascensão dos meios de comunicação no âmbito social brasileiro, em especial o rádio, instrumento de informação e entretenimento, associado à indústria cultural brasileira, sendo também o responsável pelas inovações de estilos (fama e ascensão social) e práticas cotidianas no âmbito urbano. Além disso, nesse contexto, os impressos são importantes por circularem corriqueiramente entre a população belenense e, assim, apontar, nas páginas desses periódicos, o que era tido como importante para aqueles que nelas escreviam, acabando por interferir nas decisões e nos direcionamentos dados aos modelos festivos da região.

Aldrin Figueiredo (2001) observa que, desde longa data, os jornais e revistas que circulavam em Belém do Pará preocupavam-se em trazer em suas páginas “cenas” do dia a dia da capital paraense. Entre um número significativo de jornais e revistas locais, havia a Revista Belém Nova, dirigida pelo poeta paraense Bruno de Menezes, que teve diversas contribuições da intelectualidade local e nacional e, talvez, a mais popular que circulou na cidade durante os anos de 1923 a 1929. Em sua configuração, parecia romper com o que até então já havia sido visto no campo das artes paraenses, pois revelava através da fotografia, das propagandas, da crônica, do cinema, da pintura, do teatro e da poesia, os acontecimentos do cotidiano brasileiro.

Ao longo dos anos, os magazines e os jornais comercializados em Belém do Pará intensificaram-se, mudando, consideravelmente, sua forma. De acordo com Leonardo Affonso Pereira, desde o final do século XIX, o jornalismo, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, passa a ser “um poderoso e eficaz meio de comunicação de certa parcela da sociedade” e quase sempre era composto por jornalistas, políticos e literatos que, ao escreverem nas páginas dos periódicos, deveriam obedecer aos códigos particulares a eles imposto. Por exemplo, apresentar “um texto leve e um texto acessível: era preciso ainda trazer, nas folhas, aqueles temas de interesse do maior número de seus possíveis compradores”, tendo em vista tratar de assuntos que

eram de importância dos consumidores e “fora do mundo das letras”, como as festas da Penha, os jogos e o carnaval, convertidos em grandes temas jornalísticos e literários (PEREIRA, 1997, p. 231-241).

Segundo Valéria Guimarães (2007), esses fatos diversos tratados pela imprensa nacional no século XX, eram comuns nas páginas de jornais e revistas que circulavam, desde pelo menos meados do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos. Para essa autora, uma das principais características da imprensa brasileira, principalmente aquela situada no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, ao tratar dos acontecimentos do dia a dia em forma de crônicas, era “o recurso da ficção para tornar a notícia a um só tempo mais interessante ao leitor” (GUIMARÃES, 2007, p. 324). Se na primeira metade do século XIX a imprensa nacional “permanecia com um formato preferencial de uma imprensa significativamente voltada para as causas políticas e em menor escala para as manifestações literárias” (MARTINS, 2008, p.45), no final desse mesmo século e início do século XX anuncia-se outra tendência na escrita dos periódicos, ou seja, há uma diversificação de temas em que “a política mantinha seu espaço, mas o crescimento urbano propiciava o ímpeto de se reportar novos focos de notícias” (ELEUTÉRIO, 2008, p. 83), notícias essas que ganharam espaços e continuaram por um bom tempo satisfazendo, ou não, os leitores.

Em Belém do Pará, nos anos de 1950, a prática apresentada acima, pelos autores, intensificou-se. Os jornais e revistas produzidos na capital como, por exemplo, a Revista Amazônia e os jornais O Liberal, Folha do Norte, A Província do Pará, Folha Vespertina e O Estado do Pará<sup>3</sup>, entre outros, traziam em suas páginas a “fórmula” do texto “claro e acessível”, bastante difundida no Brasil na virada do século XIX para o XX.

Esses impressos dedicavam um espaço importante em suas publicações para a divulgação de eventos culturais e festivos, o que marca a importância atribuída pela opinião pública aos lazeres públicos e de massa. No caso particular de Belém do Pará dos anos 50, tais divulgações jornalísticas de eventos populares são marcadas por caracterizações do espaço urbano assentadas num mecanismo de valorização/desvalorização espacial. A capital paraense é representada como dividida entre os espaços de elite (como os “clubes sociais” ou “aristocráticos”) e os da população suburbana. Tais referências devem ser compreendidas como representações sócio-espaciais, ligadas às formas locais de identificação espacial da época e, ao mesmo tempo, como ênfase na distinção dos ambientes festivos pautada em estereótipos hierarquizantes.

A maior parte dos anúncios de festas presentes nos jornais da década de 1950 enfatizava os eventos de clubes requintados, propagandeando seus amplos, confortáveis e elegantes salões. Os elogios aos espaços dos grêmios recreativos eram devidamente retribuídos pelos convites para a festa mandados às redações dos jornais.

No caso do subúrbio belenense, as festas ocupavam um lugar menos evidente na imprensa e mais registrado na memória dos participantes. Nelas poderiam ser vistos sujeitos de diversos grupos sociais transitando, bem como uma dinâmica intensa nos modos de se viver e de animação nos espaços de lazer e sociabilidades suburbanos.

*Nas margens do rio Guamá: dinâmica urbana, sociabilidade e lazer.*

Os anos 1950 promoveram intensas mudanças na capital, Belém do Pará, por conta do frenético crescimento populacional resultante do fluxo migratório da população interiorana paraense em direção à cidade. Este aumento populacional se fez notar, principalmente, nos bairros afastados do centro da *urbe*. Esse intenso fluxo populacional, que se deslocou do interior do Pará para Belém e colaborou para o crescimento dos bairros suburbanos da cidade nestes meados de século, é referente a uma movimentação demográfica sobre a qual não existem registros oficiais, mas que pode ser confirmada pela verificação da composição populacional atual de bairros como Guamá, Condor, Jurunas, dentre outros.

Esse contingente de migrantes, oriundos tanto das localidades próximas à cidade de Belém como também de regiões afastadas (Guajarina, Bragantina, Salgado, Baixo Tocantins, Baixo Amazonas e Arquipélago do Marajó), fixaram-se em áreas próximas ao comércio da cidade, mas, ao mesmo tempo, de difícil acesso, pois, nos anos de 1950, Belém do Pará ainda não era detentora de significativos veículos de transportes que circulassem intensamente pelo subúrbio da cidade. No entanto, esses migrantes colaboraram expressivamente na disseminação de gostos, hábitos e crenças, imbricando tais costumes com os já existentes em Belém. Diante disso, observa-se que, como todas as cidades do país, Belém do Pará traz expresso, em seu modo de vida, um conjunto de padrões culturais, onde seus agentes – nativos ou migrantes – atuam de forma significativa.

De acordo com Venize Rodrigues (2010), as ruas nas quais muitos migrantes se fixaram traduziam o grau de pobreza de seus moradores. Suas habitações, desde pelo menos as primeiras décadas do século passado, revelam as dificuldades dos indivíduos que lá viviam. Elas, quase sempre, eram estruturadas por palhas, madeiras, barros e enchimento, tendo seus moradores encontrado, ao longo do tempo, dificuldades em

viver e circular nesses espaços por conta do “acúmulo de lama, capim e valas, o que se agravava no inverno pelo volume das chuvas, alagando as casas e as ruas, dificultando assim o acesso dos transportes coletivos a essas paragens” (RODRIGUES, 2010, p. 67).

O número populacional de Belém do Pará, nos anos de 1950, cresceu consideravelmente. Nesse período, os bairros mais populosos da cidade eram o Marco, Umarizal e Telégrafo Sem Fio. Porém, os que apresentaram maior variação populacional durante esse tempo foram os bairros do Jurunas, Condor e Guamá:

O Jurunas apresentou um índice de crescimento de 101,08%, o bairro da Condor apresentou um índice de 500,90% (o maior índice) e o bairro do Guamá foi de 68,52%. O bairro da Sacramento foi de 270,60%, o do Souza de 204,22%, a Marambaia de 112,04%. Já os bairros do Comércio e do Reduto apresentam uma diminuição na população de 15,57% e 23,21% respectivamente. A Cidade Velha cresceu 23,25%, o bairro de Nazaré 90,27%, o de São Bráz 4,15% e Canudos 30,98% (FONTES, 2002, p. 205).

Talvez, o fato dos bairros do Jurunas, Guamá e Condor estarem localizados nas proximidades do rio, locais onde a circulação de moradores das áreas ribeirinhas era constante, tenha contribuído para esse aumento populacional, haja vista que houve um intenso processo migratório do campo para a capital durante os anos de 1950. Além disso, esse processo pode também ser considerado como o principal motivo de (re)significação da paisagem urbana, cultural e social de Belém durante a década de 50, pois também se intensificava o entrelaçamento cultural entre os dois mundos – urbano e rural – “numa miríade de costumes capazes de responder pela nova lógica urbana a partir de então” (DIAS JR., 2012, p. 04), pois “uma multiplicidade de práticas [vem] ganhando corpo no transcurso temporal das diferentes situações em que se envolviam as pessoas que ali estavam” (SILVA, 2006, p. 40), pessoas essas que traziam, junto com suas bagagens, “um conjunto de histórias particulares que aí se encontra[vam], por aí se cruza[vam] e daí [eram] difundidas” (Idem, p. 44).

O subúrbio belenense, segundo Tony Leão da Costa (2013), era o local onde as tradições eram vividas de forma “escondida”, pois o distanciamento entre o centro da cidade e o subúrbio era claro, tanto na questão de infraestrutura como na que envolvia os aspectos culturais da capital paraense. Sobre isso, esse autor ressalta que:

A cultura suburbana parecia se refugiar em áreas marginais, frente ao avanço do “progresso” e das mudanças de hábitos da cidade. O primitivo cedia lugar ao civilizado, pela força das transformações da cidade e de seus costumes. As mudanças na forma urbana, o avanço proporcionado pelo asfalto, a “civilização”, por exemplo, mudavam as configurações da cultura, davam características para as manifestações

populares, desalojando-as, muitas vezes, de determinadas áreas onde ocorriam (COSTA, 2013, p. 57).

A área suburbana de Belém era local de moradia dos mais diversos tipos sociais como, por exemplo, lavadeiras, capoeiras, sacerdotes afro-religiosos, frequentadores das religiões de matriz africana, do catolicismo, que tinha uma intensa relação com as demais religiosidades local, brincantes ligados aos grupos de bumbás, vendedores ambulantes, entre outros que tornaram esse espaço um verdadeiro mundo mesclado, derivado do cruzamento de vários segmentos sociais.

É interessante mostrar que o subúrbio belenense, diante dos problemas de infraestrutura e saneamento, atraía para suas festas um número significativo de curiosos que viviam nas áreas centrais da cidade. Essa curiosidade estava atrelada às questões culturais dos indivíduos<sup>4</sup> que moravam nas áreas afastadas do centro de Belém, como foi relatado por Salomão Larêdo, em seu livro de memória sobre o bairro da Condor e o Palácio dos Bares:

Comecei a frequentar o bairro da Condor após terminar a Faculdade de Direito, por volta de 1938. Mas só me tornaria um frequentador mais assíduo, já na década de 1940. [...] Lembro que antes do famoso bar do João de Barros, aquela área funcionava como uma espécie de portos para embarcações, sobretudo, canoas. Depois passou a ser um local de pouso dos hidroviários da empresa aérea alemã Condor. Também havia o Bar Soberano, de Hilário Ferreira. Porém, o bairro só se transformaria em reduto da boemia de Belém com o João de Barros. Ele ampliou o espaço do Bar Soberano, criando, inclusive, uma palafita que se projetava sobre o rio Guamá. Naquele tempo, as companhias teatrais que faziam temporada no Theatro da Paz, como a Cia. Jaime Costa, costumavam jantar na Condor. Quando terminavam os espetáculos, todo o elenco ia fazer as refeições no Bar da Condor. Os boêmios da cidade também iam para lá, depois que acabavam as tradicionais festas da Assembléia Paraense, Pará Clube, Aliados, dentre outros. Isso acontecia por volta das duas da madrugada. O ambiente era muito cordial e saudável, frequentado por médicos, advogados, oficiais das Forças Armadas e políticos (LAREDO, 2003, p. 335-336).

Para Saint-Clair Trindade Jr (1997), morar nessas áreas tem, há muito tempo, “servido para expressar a condição social de um indivíduo, independente da localização (próximo/distante) e do sítio (alagado ou não) em que esteja sua moradia” (TRINDADE JR., 1997, p. 31). Isso se dá pelo fato desses lugares estarem associados, quase sempre, “ao processo e a condição de favelização de parcelas da população no espaço urbano de Belém” (Idem, p. 31).

Sobre isso, Marta Grostein (2001) observa que a intensa centralização da pobreza no meio urbano brasileiro tem como expressão um espaço dual, ou seja, “de um

lado, a *cidade formal*, que concentra os investimentos públicos e, de outro, o seu contraponto absoluto, a *cidade informal* afastada dos benefícios equivalentes e que cresce exponencialmente” (GROSTEIN, 2001, p. 14). Percebe-se que tais espaços definem o crescimento abusivo das cidades, sem qualquer tipo de controle, o que a autora aponta ser “próprio da cidade industrial metropolitana” (Idem, p. 14). Diante disso, observa-se claramente uma hierarquia de espaços por onde se dividiam pessoas e habitações.

Grostein (2001) aponta ainda que essa dualidade é revelada a partir do reconhecimento da cidade “formal” que é assumida pelos poderes públicos, dos quais surgem os investimentos urbanos de todos os tipos, assim como de outra cidade, a “informal”, a qual se associa o fenômeno da ampliação urbana ilegal ao da exclusão social. Para essa pesquisadora, em tal fenômeno está implícita a suposição de que “o acesso à cidade se dá de modo diferenciado e que é sempre socialmente determinado, compreendendo o conjunto das formas assumidas pelos assentamentos ilegais” (p. 14) (loteamentos clandestinos, favelas e cortiços). Essa é uma realidade de longa data nas cidades do país, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, metrópoles que tiveram seu crescimento acelerado a partir dos anos de 1940 e início da segunda metade do século passado pelo processo de industrialização (GROSTEIN, 2001, p. 15).

Por essas áreas dinamizadas – de lazer, diversões, atividades culturais, negócios, serviços e comércio – transitavam trabalhadores da área portuária, moradores da região, intelectuais, funcionários públicos, artistas e estudantes, ao mesmo tempo em que se podia notar um número significativo de mulheres transitando pelas ruas, indo para o trabalho ou retornando dele, consumidoras, “trabalhadoras de bordéis”, mais conhecidas como mulheres da vida, ou simplesmente como prostitutas, pois nesses espaços encontrava-se “um sistema amplo de relações culturais marcados pela busca de prazeres, distrações, novos e variados ambientes de diversões, alguns mais, outros menos sofisticados” (MATOS, 2010, p. 196). Como afirma Dias Júnior:

Como a maioria dos bairros de Belém não dispunha, em meados do século XX, de uma infra-estrutura eficiente, como serviços de saneamento, segurança, transporte, educação e principalmente de lazer, foi comum nesses lugares o surgimento de espaços de diversão variados. Era fácil se encontrar nas periferias campos de futebol, sedes de clubes e associações de rua, currais de boi bumbá, terreiros de religiosidade afro-brasileira e as casas de festas noturnas (DIAS JR., 2011, p. 4).

Maria Izilda de Matos (2010) observa, a partir dos estudos desenvolvidos sobre a experiência das mulheres imigrantes portuguesas na cidade de São Paulo e o processo

de industrialização da mesma, nas primeiras décadas do século passado, que diversas intervenções urbanas derivadas do início do século XX, intervenções essas que atuaram no realinhamento e nivelamento de ruas, bem como na estimulação de reformas e construção de edifícios, objetivando tornar a cidade mais elegante, fez com que o território de lazer expandisse significativamente, principalmente nos anos de 1950, ampliando o caráter metropolitano, tornando a *urbe* um pólo de atratividade, Principalmente, cultural.<sup>5</sup>

Diante do processo de urbanização e modernização das cidades, algumas áreas desenvolveram-se expressivamente em relação às outras. A prostituição, principalmente nas áreas suburbanas das cidades, em especial no caso de Belém do Pará, intensificou-se. Poderiam ser vistas as prostitutas, mais ou menos refinadas, circulando entre os frequentadores das regiões boêmias de Belém, sobretudo no bairro da Condor.

Esse bairro, desde os anos de 1950, é considerado como uma importante área de atração da boemia da cidade. No entanto, essa área não era tida, principalmente pela imprensa paraense, como uma das melhores. Ambientes de prostituição e de bailes populares eram encontrados ao longo das ruas e avenidas que cortavam o bairro. Segundo Tony Leão da Costa, na Condor poderiam ser encontradas figuras da “malandragem” romântica e seresteira de Belém, indivíduos “craques” na arte da dança, principalmente no merengue. Trajando calças e sapatos brancos, os dançarinos de gafieira divertiam-se nos bares, boates e cabarés da cidade até o surgimento dos primeiros raios de sol (COSTA, 2008, p. 59).

No entorno da Condor, assim como dos bairros vizinhos – Jurunas e Guamá – as relações culturais ampliaram-se, significativamente, a partir do final dos anos 40, intensificando-se nos anos 50, 60 e 70. O famoso *Bar da Condor* era considerado por muitos moradores e frequentadores da área, dos anos citados acima, como a mais “nova opção para os boêmios da cidade”, era “povoado por tipos excêntricos, de todos os gêneros, alguns até fellinianos”<sup>6</sup>, além de ser considerado por muitos como “o segundo lar para muita gente”, como foi apresentado por Tony Leão da Costa, acima, e citado por Carlos Queiroz, em forma de entrevista, no livro de memória produzido por Salomão Laredo, indicado na citação a seguir.

A Condor durante os primeiros anos da década de 1950 constituía um universo à parte em Belém. O Bar de João de Barros era povoado por tipos excêntricos, de todos os gêneros, alguns até fellinianos. Era parada obrigatória para o boêmio que procurava emoções fortes. Naquele tempo não havia crimes (apesar da grande quantidade de bêbados), nem arruaceiros ou qualquer tipo de violência. O máximo que acontecia eram algumas brigas entre homens e mulheres.

Geralmente, prostitutas reclamando de algum “calote” do freguês. Entre as prostitutas era possível encontrar de balzaquianas a lolitas. O João de Barros, por sinal, exercia um certo controle sobre essa atividade. Se fosse informado que alguma prostituta praticou furto ou outro delito qualquer, ele baniu a profissional do lugar. Vale registrar que, nas imediações do Bar da Condor, existiam vários quatinhos conhecidos como “rendez vous” ou “suadouros”, nos quais praticava-se o “sexo pago”. Havia ainda as “Pensões Alegres”. Caso da pensão da Dona Esmelinha. Essas pensões também eram chamadas de “escolinhas”, porque muita gente se iniciava lá na “arte do amor”. As moças eram fixas, moravam no lugar, e muitos jornalistas frequentavam as pensões em busca de mulheres e bebidas. Alguns diziam que estavam fazendo “extra” no jornal, enquanto se divertiam nas “escolinhas” (LAREDO, 2003, p. 245-248).

O processo de migração ocorrido do interior do estado do Pará, assim como de outras regiões da Amazônia para a capital Belém, pode ser visto como um dos principais fatores dos inúmeros problemas sociais em expansão na cidade a partir da segunda metade do século XX. A capital paraense passou por “uma consequência direta do desenvolvimentismo capitalista sobre a região” (DIAS JR., 2011, p. 04), pois, “os novos interesses do capitalismo promoveram o surgimento de uma nova concepção de espaço” (RAMINELLI, 1997, p. 193).

O processo de expansão urbana nas grandes cidades dificultou o acesso às moradias. No caso de Belém do Pará, esse procedimento se intensificou a partir do momento em que a região amazônica passou a vivenciar as transformações provenientes de sua integração maior ao Centro-Sul do país, que proporcionou “um crescimento do baixo terciário, a carência de habitação, bem como a favelização acentuada, com insuficiência dos serviços/equipamentos urbanos e comunitários” (TRINDADE JR., 1997, p. 51).

Nesse período, as condições da população belenense, principalmente dos moradores do subúrbio da cidade, eram preocupantes. Bruno de Menezes, no livro *Lua Sonâmbula*, de 1953, observa durante as viagens de bonde pelo subúrbio da cidade que nesses espaços era comum a formação de “vários becos que levavam a um labirinto de caminhos sobre estivas”, nos quais esses caminhos eram facilmente confundidos com lamaçais e com vários detritos encontrados na maré. Segundo o poeta, foram nesses espaços que muitos indivíduos sem habitações na cidade, com os restos de madeiras dos barcos encalhados as margens do rio, construíram seus “casebres palafitários”, dando origem à famosa Vila da Barca (MENEZES, 1953, s.n.). Os problemas nessa área da capital paraense eram diversos, ou seja, “havia déficit habitacional, ineficiência de

transportes coletivos, pressões sociais sobre a infra-estrutura física e equipamentos, principalmente por setores de renda mais baixa” (MOURÃO, 1987, p. 64).

Segundo Leila Mourão (1987), o avanço econômico, ocasionado pelo processo de industrialização, mantinha uma gigantesca concentração populacional nas grandes cidades brasileiras, sobretudo nos anos de 1950 e 1960, tendo, nos últimos anos, ocorrido uma enorme preocupação com o direcionamento da economia, assim como da sociedade brasileira, onde houve “consistência diante da necessidade de planejamento e de políticas urbanas propriamente ditas” (MOURÃO, 1987, p. 64). Nesse sentido, tal planejamento passa a ser visto “como instrumento de governo para atenuar os problemas existentes e prevenir o surgimento de outros” (MOURÃO, 1987, p. 64-65).

Antonio Rocha Penteado (1968), após uma excursão feita por alguns bairros da cidade, para sua pesquisa de doutorado, na segunda metade do século XX, indica que eram predominantes “as barracas” e raros os prédios de alvenaria com dois ou mais andares” (p. 312). No entanto, nessas localidades encontravam-se frequentemente a presença de “clubes, ligados às práticas desportivas ou atividades sociais baseadas nas reuniões dançantes ou manutenção do folclore regional” (PENTEADO, 1968, p. 313), nos quais as celebrações festivas populares ganhavam destaques. Como pode ser observado a seguir.

#### A VESPERAL DOMINGUENSE

O São Domingos, por intermédio de seu Departamento Feminino, levará a efeito amanhã uma elegante vespéral numa gentil oferta a seus associados e elementos da “Caravana Dominguesa”.

Essa festa que está despertando o maior entusiasmo dos fãs da bandeira do veterano jurunense, contará com a colaboração de um dos melhores jazzs da cidade, para deleite dos que até ali acorrerem. (JORNAL O LIBERAL, 12/12/1951, p. 4)

#### FESTAS

O Rancho “Não Posso me Amofiná” levará a efeito, domingo próximo, em sua sede social, uma grande matinal dançante, que promete ser magnífica. Para essa reunião, a diretoria do famoso clube carnavalesco contratou o “jazz” Internacional. Recebemos gentil convite para nos fazer representar. (JORNAL O LIBERAL, 20/12/1951, p.3)

#### BIG ASSUSTADO

Amanhã, à rua São Miguel, 1.403, terá lugar uma piramidal assustado sob a direção de Queiroz, que assim iniciará suas bigs festas do reinado de Momo. Boa música e lindas garotas contribuirão para o sucesso dessa homenagem ao rei da Alegria, sendo que Dominó Negro, gentilmente convidado, puxará as cobrinhas estonteantes, que farão o delírio do “assusta” de amanhã. (JORNAL O LIBERAL, 18/01/1952, p. 4)

#### São Pedro à Beira do rio

Prosseguindo na série de grandes reuniões festivas com que vem celebrando a quadra luminosa dos santos juninos, a Associação Atletica Radional, que reúne a gente entusiasta e brilhante que

emprega sua atividade na Companhia Rádio Internacional, vai realizar, hoje, em sua pitoresca sede campestre, às margens do Guamá, uma nova reunião dançante. É a série magnífica do <<São João e São Pedro à beira do rio>> que vai chegando a seu termo, cada vez mais deixando maiores e mais fundas saudades em quantos delas têm participado. Luiz Bisi lá estará com sua simpatia e sua vibração sempre boa animando a bela festa, para cuja maior esplendor um afinado conjunto regional vai concorrer. Dançar-se-à, assim, até pela madrugada, na sede da Radional, yaras louras e morenas descendo às águas do Guamá para o banho de cheiro que a noite sugere (JORNAL A PROVÍNCIA DO PARÁ, 29/06/1957, p. 10).

Sobre essas festas nos espaços suburbanos, foram também localizadas, ao longo da pesquisa, inúmeras referências como, por exemplo, aquela que se encontra presente no jornal O Estado do Pará, de 25 de junho de 1955, de autoria de De Campos Ribeiro, intitulada “Assim se faz São João na roça”.

Na matéria em questão, De Campos Ribeiro descreve seu retorno “à sede da velha e benemérita Sociedade Beneficente” da Vinte de Março, localizado entre os bairros da Cremação e Condor, espaço por onde transitou na companhia de seus amigos, 30 anos atrás, onde o barracão ainda era coberto por zinco. O convite de retorno a esse espaço fez com que De Campos Ribeiro relembresse aquelas noites por ele vividas com grande alegria, além de perceber que as famílias, senhoritas e rapazes continuavam se divertindo a valer, “de maneira sadia, com sinceridade alegre, por horas de que ninguém que ali esteve certamente se olvidará tão cedo”.

A festa em questão, continua Ribeiro, contou com a participação do conjunto organizado por Tó Teixeira, que “dirigiu bravamente, com alma, vivendo ele próprio as emoções da música com que animava o folguedo da Vinte”.

Outras informações referentes às festas do subúrbio belenense encontram-se nas páginas do livro de crônicas, sobre a capital paraense, escrito por Murilo Menezes e publicado no ano de 1954. No texto em questão, intitulado de “Noite de São João”, esse autor relembra a presença de sua família e “amigos” em uma festa junina organizada em uma rua do subúrbio belenense, na noite de 23 de junho.

De acordo com a fonte em questão, o contato dessa família com as festas no subúrbio de Belém se deu por conta dos moradores de quartos sublocados no recinto desses indivíduos, muito dos quais eram provenientes desses espaços afastados do centro da cidade; pois Menezes e seus familiares vivam em uma “casa vasta, baixa, isolada, com uns 15 quartos e algumas salas confortáveis”, nas proximidades da Praça Batista Campos, na qual apenas alguns cômodos eram utilizados pela família, sendo os demais alugados a terceiros.

A chamada para participar da festa narrada pelo autor partiu de uma de suas inquilinas, uma negra de nome Donata que “era exatamente, uma partícula do elemento negroide, incrustada com sua quitanda, num bairro de gente branca”. Esse convite se estendeu também aos demais moradores daquele recinto, que, por meio de D. Donata, puderam “penetrar nesse mundo muito ignorado para muitos, mais interessante, como seja o das nossas favelas”. Murilo Menezes narra, de forma detalhada, tal experiência.

Era tempo de São João, e ela fez um convite aos vizinhos do prédio, para irem todos, por ela conduzidos, à casa de seu cunhado, um carroceiro apatacado, proprietário de inúmeras carroças, nesse tempo, quando ainda não existia caminhão, - e que acostumava festejar com espalhafato, o dia do santo do seu nome. [...] Na noite de 23 de junho, às nove horas, estávamos reunidos no quintal de nossa casa, umas trinta pessoas, que tais eram os convidados da Donata. De casa éramos eu, o paizinho, Roque, meu irmão; Alvaro Fernandes e Heráclito Sampaio, primos. As mulheres ficaram. E alegres, partimos a três de fundo, com a Donata abrindo a marcha. Por aquelas ruas verdes de relva, que são Pariquis, Apinagés, Caripunas, seguíamos em grande alvoroço, admirando as fogueiras, as residências com reuniões às portas, assistindo a queima de fogos; encontrando grupos boêmios que se dirigiam a determinados logradouros; vendo os balões pontilharem o céu escuro como lumes errantes; enquanto que bombas estrugiam longe, e o pipocar dos foguetes enchiam de animação a noite estival [...]. Por fim, os garotos que iam na frente, ao chegarem à Travessa dos Tupinambás deram o alarme. Éramos chegados A casa que ficava do lado esquerdo da travessa, era uma vantagem puxada, edificada dentro dum vasto terreno cercado. Ficava de lado, tendo à sua esquerda um terreiro limpo, mesmo próprio às demonstrações joaninas. Balões chineses e bandeirinhas, o gosto artístico do dono semeara por toda a parte. Candieiros de querosene erguidos em postes iluminavam toda a quadra, auxiliados pela colossal fogueira no meio da rua, a qual era alimentada amiúde. No fundo havia um barracão servindo de bar, onde se vendiam a quem quisesse, desde a cerveja, às demais misturas alcoólicas. Por traz dele, havia o alojamento de carroças e as estrebarias dos muares. Num recanto do terreiro erguia-se um tablado, onde uma negra esbelta, rodopiava horas seguidas com impecável ritmo, ao som de cadenciado batuque. [...] (MENEZES, 1954, p. 78-80).

Ao analisar a fonte em questão, foi levantado a seguinte pergunta: por que as mulheres não participaram desse momento festivo, sendo “obrigadas” a ficarem em seu recinto? Isso reforça a imagem do subúrbio de Belém, diversas vezes propagandeado pela imprensa local, como espaço de grande periculosidade, nos quais transitavam pessoas de más índoles e onde o jogo de sedução, na presença das prostitutas, era constante.

Outro ponto a se destacar, referente à fonte acima citada, está relacionado ao que Sonia Maria Giacomini (2006) observa no livro “A alma da festa: família, etnicidade e

projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube”, quando a mesma aponta que a mulher negra, diversas vezes chamada de mulata, é vista quase sempre como objeto sexual, ou seja, um tipo feminino condutor de uma sexualidade acentuada, ou mesmo uma “superexcitada genésica”. Isso pode ser observado, quando Murilo Menezes destaca que “Num recanto do terreiro erguia-se um tablado, onde uma negra esbelta, rodopiava horas seguidas com impecável ritmo, ao som de cadenciado batuque”, tendo em vista que a mulher negra em questão é “transformada em objeto da fruição sexual do homem branco” (GIACOMINI, 2006, p. 13-14), capaz, na visão dos mesmos [homens brancos], de evocar o extrafamiliar.

Outra notícia divulgada na imprensa local e que reforça a imagem do subúrbio belenense como desordeiro e perigoso, pode ser consultada no jornal *O Liberal*, de 02 de janeiro de 1951, na coluna policial, p. 04. O artigo em questão, intitulado de “DUAS DESORDENS”, registrou a agressão de dois jovens sujeitos para com os frequentadores das “festas de subúrbios: uma na Sociedade União de Firmeza e outra no Imperial Clube, ambas no Bairro do Jurunas” (*O Liberal*, 02/01/1951, p. 04).

Uma das ações aconteceu para com um menor de nome Dário Santos Cardoso, de 17 anos. Este recebeu, de Antonio Martinho dos Santos, de 23 anos, vários pontapés que o deixaram bastante ferido, sendo, em seguida, encaminhado para o Pronto Socorro Municipal, e o “covarde agressor dormiu no xadrez da subdelegacia do bairro”.

A outra é referente a um jovem de 28 anos, de nome Ademar da Silva Barbosa, que agrediu várias pessoas que se divertiam em uma festa do bairro. Quando preso, o mesmo, munido de uma faca, tentou também ferir os policiais que naquele espaço dançante se faziam presentes, sendo “a muito custo subjugado o desordeiro”.

Como aponta Antonio Maurício Costa (2011, p. 322), observa-se, nesse caso, que nessas localidades, nas quais se pode identificar uma clara menção a uma hierarquização espacial da cidade, encontram-se pessoas de atitudes sociais pouco recomendáveis, algo bastante reforçado pela imprensa local da época. Essas festas, diante de tamanha popularidade, tornavam-se um desafio para os organizadores, bem como para as autoridades públicas que muitas vezes agiam de forma intolerante para com os brincantes, sendo eles infratores ou não.

No dia 20 de abril de 1951, o jornal *O Liberal* trazia estampado, na página de número 04, o seguinte anúncio: “AS FESTAS DE SÁBADO E DOMINGO DO IMPERIAL E. CLUBE”. O anúncio ali apresentado era um alerta a sociedade belenense de que o Imperial Esporte Clube, “localizado à Rua da Conceição, nº 426”, abriria “os seus salões para receber os seus digníssimos associados e fans”, tendo em vista

comemorar, no dia 21 e 22 de abril, a conclusão da reforma pela qual o “Leão Jurunense” passou. Para isso, uma “extraordinária “soirée dançante” estava sendo preparada no “maior salão do subúrbio” de Belém, tendo como principal atração a presença de “um dos melhores conjuntos da cidade”: o jazz “Internacional”.

Eram nesses lugares que, desde pelo menos o início dos anos 50, se dançavam ritmos variados, muitas vezes, animados por conjuntos musicais como as Jazz Orquestras ou as “picarpes”, tendo, essa última, maior presença nos ambientes recreativos espalhados pelo subúrbio belenense.

*Matinais, Vespertinas e Soirées dançantes embaladas pelas Jazz Orquestras e “Picarpes”.*

A segunda metade do século XX foi marcada por diversas transformações no âmbito social belenense como: grande fluxo de migração do campo para a cidade, a divulgação em larga escala de diferentes ritmos musicais de apelo popular, sendo esses transmitidos via rádio (samba, ritmos nordestinos e latinos) e, principalmente, o período de grande expansão do meio de comunicação de massa, em especial a radiofônica.

Nesse período, em Belém, era comum a intensa difusão, por meio das rádios e também pelos grupos musicais e pelos sonoros, de ritmos como boleros, salsas, congos, merengues, mambos e cúmbias, sendo apreciados como elementos peculiares nos bailes promovidos nos espaços dançantes da capital. No entanto, foi desde pelo menos as primeiras décadas do século passado que esses ritmos latinos, ao lado do samba, começaram a fazer parte do dia a dia do povo paraense, pois os programas das estações estrangeiras estavam fortemente associados aos programas de rádio local do período. Isto acontece exatamente na época em que, após o processo de redemocratização, resultante da derrubada do Estado Novo, assiste-se a uma promoção dos meios de comunicação de massa no país e, principalmente, à forte presença do rádio como um meio informativo e de entretenimento associado à indústria cultural nacional.

Em seu livro intitulado *A Era do Rádio*, Lia Calabre (2004) observa que tal instrumento de comunicação e entretenimento é responsável pelas inovações e adaptação nas formas de artes que existiam antes de seu surgimento. Além disso, assinala que o rádio era um excelente meio de informação e de divulgação de diversas manifestações culturais e artísticas no país. Segundo a autora, nesse momento havia uma necessidade, por parte dos governantes, de o país passar uma imagem de próspero, desenvolvido e, acima de tudo, moderno.

Os anos de 1950 foram de crescimento do número e diversificação dos meios de comunicação no Brasil, dando destaque para o rádio, sendo o responsável pelas inovações de estilos – fama e ascensão social – e práticas cotidianas no âmbito urbano. Nesse sentido, Antonio Maurício Costa e Edimara Bianca Vieira apontam que o processo de expansão do modo de vida urbano, presentes nas grandes cidades do país em meados do século passado, esteve associada e conectada, em grande medida, às emissões radialísticas através dos programas jornalísticos, esportivos, rádonovelas, humorísticos, bem como nos repertórios musicais transmitidos por esse meio de comunicação, onde “este último ocupava a função, naquele contexto, tanto de pano de fundo geral como de atração principal das programações” (COSTA; VIEIRA, 2011, p. 112).

Nesse sentido, Tony Leão da Costa (2013) assinala que tanto os programas radiofônicos como a difusão dos discos em Belém tiveram grande influência na construção dos gostos musicais da população local. Para esse autor, os artistas paraenses, associados quase sempre às orquestras jazzistas, em vários momentos, “imitavam” os estilos musicais provenientes da região Sudeste e até mesmo aqueles de fora do país.

Os grupos musicais conhecidos como Jazz Orquestras eram conjuntos que embalavam as noites dançantes, principalmente dos clubes que se encontravam espalhados ao longo da cidade de Belém do Pará. Esses grupos correspondiam mais a uma formação de músicos não eruditos que tocavam os mais variados ritmos musicais, sendo eles estrangeiros e brasileiros como, por exemplo, tangos, marchas, choros e sambas. Apesar de proporcionar a ideia de uma formação e especialização musical de origem norte-americana, esses conjuntos estavam mais próximos do contexto musical da região amazônica.

Para Vicente Salles (1985), os anos de 1920 foi o momento em que ocorreu a difusão de instrumentos musicais como cavaquinho, a flauta e o banjo entre as formações dos pequenos conjuntos musicais em Belém. Esses grupos foram responsáveis pelo desenvolvimento da música urbana na cidade, pois reproduziam os ritmos que ficaram popularizados nas rádios nacionais e internacionais, além daqueles que tiveram grande notoriedade nos cinemas americanos.

No entanto, é somente a partir dos do final dos anos de 1930 que esses grupos musicais conhecidos como “Jazzísticos” ou “conjuntos de boate”, como eram apresentados na imprensa da segunda metade do século XX, terão uma intensa popularização. Nos anos de 1950, percebe-se, através dos documentos consultados, a

presença constante desses grupos musicais nos espaços dançantes da cidade, estando eles situados no subúrbio ou no centro da mesma.

As Jazz Orquestras, como observa Antônio Maurício Costa (2012, p. 07), dependendo dos espaços festivos, obtinham “uma fama acentuada pelo sucesso das apresentações”, principalmente nos ambientes “aristocráticos” da cidade, tendo espaços reservados nos principais eventos organizados pelos diretores e administradores dos recintos. A maioria dessas orquestras se fazia presente nas festas de clubes aristocráticos, embora se apresentassem num ou noutro clube suburbano.

Entre os conjuntos mais divulgados nos jornais de Belém do início dos anos 1950 estavam: Grupo de Jazz Orquestra *Batutas do Ritmo*, que tinha no seu comando a pessoa de Sarito; Grupo de Jazz Orquestra *Martelo de Ouro*, liderado por Vinícios; Jazz *Internacional*, coordenado pelo Professor Candoca, também conhecido como o “Mago da Viola”; Jazz *Vitória*, liderado por Raul Silva; Jazz Orquestra *Maçaneta*, comandada por Guiães de Barros; e Jazz *Marajoara*, tendo à frente o maestro Oliveira da Paz.

Como fora afirmado anteriormente, os festejos populares em Belém do Pará, nos anos de 1950, também eram animadas por aparelhos sonoros apresentados pela imprensa como “picarpes” (do inglês “pick-up”). Esses sonoros, assim como os grupos de Jazz Orquestras, também tinham fama em alguns espaços dançantes da cidade.

Diferente dos conjuntos musicais que tinham destaques nas festas realizadas nos clubes “chiques” da capital, as “picarpes” tinham presenças acentuadas, animando os eventos festivos realizados em clubes suburbanos ou em festejos de ruas localizadas em áreas afastadas do centro. É importante deixar claro que a presença desses aparelhos sonoros não se limitava apenas aos espaços localizados no subúrbio de Belém, embora sua presença fosse constante nesses ambientes, como foi anunciado no jornal *O Liberal* de junho de 1953.

#### **“SANTO ANTONIO NA ROÇA”**

Realiza-se hoje à noite, uma festa dançante na sede do Clube Atlético Relampago, “Santo Antonio na Roça”, à travessa Caldeira Castelo Branco, nº. 1122, canto com a rua Silva Castro (bairro do Guamã), ao som do afamado “Sonoro Barnabé”, de propriedade de D. Corrêa e irmão (JORNAL O LIBERAL, 12/06/1953, p. 04).

Outros sonoros também se fizeram presentes em um terreiro juninos organizado pelos moradores da Avenida Alcindo Cacela, entre Boaventura da Silva e Antonio Barreto, no bairro do Umarizal, em junho de 1951. De acordo com a notícia do jornal *Folha Vespertina*<sup>7</sup>, a festa estava sendo minuciosamente organizada por uma comissão que buscava agradecer a todos os brincantes, tendo a festa o serviço de dois alto-falantes

que tocariam “musicas de danças, para gáudio da mocidade”, além de distribuição gratuita de comidas e bebidas próprias da época, como o aluá e o munguzá.

Essas “picarpes” e sonoros, sinônimos do sistema de som capaz de se deslocar para diversos espaços de festas, desde os finais dos anos 1940, vinham se tornando marcas registradas nas festas dançantes do subúrbio de Belém. Esse sistema de som era montado de forma artesanal por pessoas com conhecimento de eletrônica, no qual se encontrava um amplificador de metal e válvula, uma caixa de som pequena, projetor sonoro, conhecido como “boca – de – ferro” e um toca disco de 78 rotações (a *pick – up*).

Esses aparelhos de som, de proprietários oriundos principalmente do subúrbio da cidade, em um primeiro momento, estiveram associados principalmente a eventos de aniversário, casamentos ou festas de vizinhança. A partir da sua popularização, ampliaram-se as contratações para outros eventos festivos, em especial os bailes dançantes realizados nos clubes da cidade, principalmente naqueles situados na periferia da mesma.

Talvez, o fato dos donos dos sonoros serem provenientes do subúrbio, assim como os locutores titulares desses aparelhos, explique a forte presença deles nos clubes e nos espaços dançantes localizados em bairros afastados do centro da capital paraense. Como observa Antonio Maurício Costa, esses sonoros tiveram uma importância grandiosa entre a ocorrência das festas em Belém, tendo em vista “não assumir uma posição complementar ao rádio, mas sim ocupar um espaço particular como meio de comunicação ligado a ocorrência de eventos festivos” (COSTA, 2012, p. 06).

### *Conclusão*

Em Belém do Pará, no século passado, durante os tempos festivos, “aglomeravam-se uma multidão anônima, que dava vida, som, cor e movimento” (CORRÊA, 2010, p. 307), aos espaços dançantes espalhados ao longo da *urbe*. Referências festivas diversas foram elaboradas nesse período, possibilitando que a cidade construísse um entrelaçamento de culturas e feições urbanas, principalmente a partir do final da primeira metade do século XX. Essas características podem ser identificadas nas páginas de jornais e revistas que circulavam em Belém no período em questão, especialmente nos lugares destinados às narrativas memorialistas, cronistas e jornalistas, que registraram nesses espaços suas impressões ouvidas e vividas sobre a vida festiva da capital paraense.

Sujeitos como jornalistas, cronistas e literatos pareciam assumir papel de mediador cultural, a partir do momento em que se esforçavam em apresentar ao leitor, em seus escritos presentes nas páginas dos periódicos, relatos da vida festiva realizada na cidade. Esses indivíduos são, por vezes, sujeitos que adquirem destaque justamente por estarem ocupando tal posição, conseguindo, com seus discursos, ter grande influência no modo de festejar do meio urbano.

Os textos desses sujeitos foram utilizados em face das diversas referências acerca dos bailes dançantes, bem como de suas animações, realizados no subúrbio belenense. Esses documentos contribuíram, significativamente, para o entendimento dos modelos festivos vivenciados na *urbe* da segunda metade do século XX.

### Referências

CALABRE, Lia. *A Era do Rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. Belém do Pará, palco de manifestações culturais no início do século XX. In: SIMONIAN, Ligia (Org.). *Belém do Pará: história, cultura e Sociedade*. Belém: Editora do NAEA, 2010.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Espacialização Festiva em Disputa: estado, imprensa e festeiros em torno dos terreiros juninos de Belém nos anos 1970. *interSeções* [Rio de Janeiro] v. 13 n. 2, p. 304-333, dez. 2011.

COSTA, Antonio Maurício Dias da; VIEIRA, Edimara Bianca Corrêa. Na Periferia do Sucesso: rádio e música popular de massa em Belém nas décadas de 1940 e 1950, *Projeto História*, nº 43, 2011.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos 1950. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63. 2012.

COSTA, Tony Leão da. *Música do Norte: intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na formação da “MPB” no Pará (anos 1960 e 1970)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

COSTA, Tony Leão da. *“Música de subúrbio”*: cultura popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. 2013. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História. Niterói: Rio de Janeiro, 2013.

DIAS JUNIOR, José. Entre cabarés e gafeiras: um estudo das representações boemias na periferia de Belém do Pará, 1960-1980. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2011.

DIAS JR., José. Grandes Projetos: Tensões sociais a reboque do desenvolvimento. In: XXI Encontro Estadual de História –ANPUH-SP. *Anais...* Campinas, 2012.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Maria Luiza & LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)*. 2001. Tese (doutorado em História). São Paulo: UNICAMP, 2001.

FONTES, Edilza. *O pão nosso de cada dia: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista (Belém 1940-1954)*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

GIACOMINI, Sonia Maria. *A ALMA DA FESTA: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2006.

GROSTEIN, Marta Dora. Metrôpole e Expansão Urbana: a persistência de processos “insustentáveis”. *São Paulo em Perspectiva*, v. 15, n. 1, 2001.

GUIMARÃES, Valéria. Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX. *Rev. Bras. Hist.* vol.27. n. 53. São Paulo. Jan./Jun, 2007.

LARÊDO, Salomão. *Palácio dos Bares – Buete Condor – recanto encantado da cidade morena às margens do lendário rio Guamá. – Bar da Condor – poemas salientes, memória social/emocional, depoimentos*. Salomão Larêdo Editora, Belém, 2003.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). *História e Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Imigrantes Portugueses: cotidiano, trabalho e resistência. São Paulo 1920-1940. In. SARGES, Maria de Nazaré; DE SOUSA, Fernando; MATOS, Maria Izilda; VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano; CANCELA, Cristina Donza (Orgs.). *Entre Mares: o Brasil dos Portugueses*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010.

MENEZES, Bruno de. *Lua Sonâmbula: poemas*. Belém: Falângola, 1953. Disponível em: <http://fragmentosdebelem.tumblr.com/post/83909278847>. Acesso em: 14 maio de 2014.

MENEZES, Murilo. *A capital do El Dourado: crônica sentimental de Belém e comentários sobre alguns dos seus problemas*. Belém, 1954.

MOURÃO, Leila. *O conflito fundiário urbano em Belém (1960-1980): a luta pela terra de morar ou de especular*. 1987. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1987.

PENTEADO, Antonio Rocha. *Belém – Estudo de Geografia Urbana*. Belém: Edufpa. 1968.

PEREIRA, Leonardo. Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto. *Projeto História*, São Paulo, v. 14, fev. 1997.

RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Cidade narrada: memórias, história e representações. In: FARES, Josebel Akel (Org.). *Memórias da Belém de antigamente*. Belém: EDUEPA, 2010.

SALLES, Vicente. *Repente & Cordel: literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da. *A cidade vista através do porto: múltiplas identidades urbanas e imagem da cidade na orla fluvial de Belém (PA)* 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará. Belém, 2006.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair. *Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém*. Belém: NAEA/UFPA, 1997.

---

<sup>1</sup> O termo subúrbio, utilizado nesse texto, se refere a alguns espaços urbanos espalhados pela capital paraense, dentre os quais, se encontram os bairros do Guamá, Condor e Jurunas. Esse termo, corriqueiramente utilizado pela imprensa para designar essas paragens, aparecem, algumas vezes como lugar de vadiagem e de grande periculosidade tanto para aqueles que nele viviam, como para aqueles que por ele transitavam diariamente. Outras vezes, o subúrbio belenense surge, nas páginas de jornais, revistas e livros de memória, como lugar de lazer, brincadeiras e relações afetuosas entre os sujeitos que por ali se encontravam. Como observa Tony Leão, o subúrbio belenense, composto pelos mais diversos tipos sociais, criavam os caminhos de uma Belém “distante” da “cidade”, embora, muitos dos bairros suburbanos de Belém, geograficamente, se encontrassem nas proximidades do centro. Sobre isso, consultar: COSTA, Tony Leão da. *“Música de Subúrbio”*: cultura popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 2013.

<sup>2</sup> Localizados nas margens do rio Guamá, os bairros do Guamá, Condor e Jurunas, apresentados pela imprensa dos anos de 1950, como espaços localizados no subúrbio da capital paraense, eram áreas geograficamente próximas do centro da cidade, nas quais, comumente, poderiam ser encontrados loteamentos clandestinos, cedidos ou alugados, onde vivia uma população de baixa renda. Esses espaços suburbanos apareciam diversas vezes em textos jornalísticos como locais nos quais a “vadiagem” e a “desordem” se faziam presente constantemente. Mesmo diante das características citadas, no subúrbio belenense, em relação aos demais espaços da capital do Pará, havia maior contato e maior afetividade entre as pessoas, o que poderia ser também observado durante os eventos festivos realizados nesses espaços.

<sup>3</sup> Os jornais e revista em questão foram os meios pelos quais coletei os dados apontados no artigo.

<sup>4</sup> Festas realizadas em bares e boates localizadas ao longo dos bairros periféricos de Belém como, por exemplo, o famoso Bar da Condor, conhecido também como Palácio dos Bares, que tinha como o proprietário a figura de João de Barros.

<sup>5</sup> As décadas de 1940 e 1950 consolidaram o que os sociólogos denominaram de sociedade urbano-industrial no Brasil e o começo de uma *sociedade de massa*. Particularmente após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil se modernizou em diferentes setores, assim como, redefiniu alguns elementos que faziam parte das atividades culturais do país, como o rádio, o cinema e a imprensa.

<sup>6</sup> O estilo de vida felliniano, associado aos trabalhos do diretor de cinema Federico Fellini, foi adotado, mesmo que inconsciente, por muito tempo, pelos fãs desse cineasta de grande nome e reconhecimento no mundo das artes. Segundo Carla Giffoni, esse estilo adotado pelo diretor, em suas produções, busca, no surreal, pensar a realidade vivida pela sociedade, rompendo com o estilo de muitos diretores de sua geração, que buscavam reproduzir a vida como ela é, se aproximando ao máximo da realidade. Esse autor se utiliza em suas obras de vários tipos excêntricos como, por exemplo, palhaços, mágicos, pessoas com seios grandes, etc., lançando mão da ironia, melancolia e do caricato para refletir sobre assuntos de ordem social com maior domínio. Sobre isso, consultar: GIFFONI, Carla. **Federico Fellini**: a fusão entre o

---

palhaço e o mágico. In: Recanto das Letras (blog), 7 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/4023674>>. Acesso em: 9 maio 2014.

<sup>7</sup> Santo Antonio na Roça. Jornal **Folha Vespertina**. 05/06/1951. p. 02.